



análise dos textos no Facebook e as primeiras produções escritas do gênero *fait-divers* feitas no Google Docs.

Palavras-chave: Gênero textual; Correção por pares; Ferramentas digitais

A organização discursiva em *reportagens* no Brasil e em Portugal

Audria Albuquerque Leal

Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa/

Fundação para a Ciência e Tecnologia

audrialeal@fcs.unl.pt

Este trabalho tem como finalidade investigar a construção da organização discursiva no gênero reportagem e seus efeitos na interpretação textual. Para tal, escolheu-se analisar textos multimodais do gênero *reportagem* no Brasil e em Portugal. Nesta comunicação, assumimos que a multimodalidade é uma característica inerente aos textos, uma vez que convocam diferentes modos semióticos - produções verbais e não verbais. A partir deste pressuposto, esta pesquisa procurará ter em consideração as diferentes representações da linguagem e tentará perceber as inter-relações que se estabelecem entre o verbal e não-verbal e como estas inter-relações interferem na componente discursiva. Para atingir o objetivo proposto, seguiremos o modelo de análise Semiótico Sociointeracional, proposto por Leal 2011. Este modelo parte de dois quadros teóricos-metodológicos, assumindo que, através da união destes quadros, é possível observar os efeitos das situações de comunicação no funcionamento linguístico, bem como a inter-relação dos diferentes elementos semióticos. O primeiro é o do interacionismo sociodiscursivo, proposto por Bronckart (2008), que procura mostrar como as operações psicológicas realizadas por um produtor determinam a escolha do gênero e a arquitetura textual (a organização discursiva e temática do texto; os mecanismos de textualização e os mecanismos enunciativos). O segundo é Gramática do Design Visual (Kress e van Leeuwen (1996/2006) que apresenta, na perspectiva da semiótica social, um modelo composto de três metafunções (representacional, interativa e composicional) aplicadas à análise de textos multimodais. Assim, o modelo Semiótico Sociointeracional (Leal, 2011) mostra como a aproximação da perspectiva epistemológica do ISD com a Semiótica Social permite acoplar à arquitetura textual as categorias de análise representacional, interativa e composicional,



fucionando como una propuesta para análisis da multimodalidade. Face ao exposto e no intuito de atingirmos o nosso objetivo, esta apresentação será dividida em três partes: na primeira parte, centrar-nos-emos na apresentação da inter-relação entre os quadros teóricos do ISD e da Semiótica Social através do modelo de análise Semiótico Sociointeracional, proposto por Leal (2011); na segunda parte procuraremos fazer considerações sobre o papel da organização discursiva e a interação com a função representacional, em seguida, na terceira parte, aplicaremos esta proposta ao gênero textual *reportagem*, procurando mostrar como a inter-relação da organização discursiva e da função representacional participam na construção da narrativa jornalística e na ancoragem na atualidade. Como resultado da nossa análise, esperamos fornecer caminhos para a compreensão da relação entre o verbal e não verbal na semiotização da linguagem, bem como procurar-se-á perceber a influência de processos culturais nesta semiotização.

Palavras - chave: gênero textual, tipo de discurso, textos multimodais.

Crónica/ crônica: algo más que una cuestión de acento/s.

Graciela Cariello
Universidad Nacional de Rosario
graciela.cariello@gmail.com

Este ensayo forma parte de la investigación comparatista en marcha sobre “Crónicas de novelistas”, que codirijo en la Universidad Nacional de Rosario. En esta ocasión, estudio el género crónica en Brasil, Portugal, Palops e Hispanoamérica, en particular Argentina, a partir de una descripción de textos etiquetados como pertenecientes a dicho género. La hipótesis es que no se trata exactamente del mismo género en todos, si bien hay semejanzas, coincidencias y equivalencias entre ellos, una especie de “aire de familia” en el sentido Wittgensteniano, que nos permite aproximar las diferentes formas que responden a la misma etiqueta y, a la vez, establecer las diferencias profundas.

Para abordar la cuestión, me planteo una pregunta que me intriga y a la vez guía estas reflexiones: ¿por qué Roberto Arlt no llamó “crónicas” a sus crónicas? Este escritor argentino, en vez de tomar, para sus textos publicados en periódicos, el nombre de una